

Oficina de análise de documentos *Que revoluções estavam em jogo na Rússia revolucionária?*

Roteiro

1. A oficina propõe a análise de materiais que deverão ser compreendidos como documentos vinculados à questão proposta. Em que medida esses documentos contribuem para responder a questão?

2. Para a análise, propõe-se que a turma seja dividida em **cinco grupos**, que receberão os referidos materiais. É importante que todos os membros tomem contato com todos os materiais, e que troquem suas impressões acerca deles. Recomenda-se que anotem o que for discutido, para que a discussão mais ampla, com toda a turma, na última parte da aula, possa ser feita de forma mais proveitosa.

3. Serão examinados os seguintes materiais relativos ao tema:

- trechos de texto de Leon Trótski, datado de 1909, sobre a Revolução russa de 1905;
- trechos de texto de Leon Trótski, datado de 1924, sobre a Revolução de Outubro de 1917;
- trechos de texto de Nestor Makhno, datado de 1926, sobre a Revolução de Outubro de 1917;
- conto de Isaac Bábel, publicado em 1926, a partir de anotações feitas em 1920, quando participou da guerra russo-polonesa.

Como material de apoio, também serão distribuídos uma folha com informações sobre Trótski, Makhno e Bábel, além de uma breve cronologia da Rússia revolucionária/URSS entre 1917 e 1928.

4. Para esclarecer aspectos dos documentos, vocês poderão consultar a Internet, usando o computador existente na sala de aula.

5. Aproveitem as dicas de filmes e materiais complementares existentes no sítio eletrônico do projeto de extensão “A aventura do documento” (www.labpac.faed.udesc.br/aventura.htm) ou no blog do mesmo projeto (aventuradodocumento.blogspot.com)

A Revolução de 1905: a perspectiva de Trótski em 1909

"Senhor! Nós, os trabalhadores, nossos filhos e mulheres e os velhos desamparados que são nossos pais, viemos a vós, senhor, à procura de justiça e proteção. Vivemos numa grande pobreza, estamos oprimidos e curvados por trabalhos que excedem a nossa força; somos insultados, não somos reconhecidos como seres humanos, somos tratados como escravos que devem sofrer sua sina em silêncio. Tudo isso temos suportado, mas estamos sendo lançados na mais profunda indignação, na sujeição e na ignorância. O despotismo e o poder arbitrário estão nos estrangulando e asfixiando. Senhor, nossa força se acaba! Chegamos ao limite de nossa paciência; para nós chegou o terrível momento em que é melhor morrer a continuar sofrendo tormentos insuportáveis.

Assim começa a célebre petição dos trabalhadores de São Petersburgo [ao czar, em 9 de janeiro de 1905]. Nessas palavras, a ameaça proletária pode conter mais verdades que a súplica dos súditos leais. A petição continuava descrevendo todas as opressões e insultos que o povo tinha de sofrer. Registrava tudo, das geladas fábricas até a ilegalidade política no país. Exigiu anistias, liberdades públicas, separação da Igreja e do Estado, a jornada de trabalho de oito horas, um salário justo e a gradual transferência da terra ao povo. Mas acima disso tudo colocava a convocação de uma Assembléia Constituinte eleita por sufrágio universal.

A petição terminava assim:

Essas, Senhor, são nossas grandes necessidades, que vos apresentamos. Ordenai e jurai que serão satisfeitas e fareis grande e gloriosa a Rússia e gravareis vosso nome eternamente em nossos corações e nos corações de nossos descendentes. Mas se não as concederdes, se deixardes de ouvir nosso rogo, morreremos aqui, nesta praça, diante do vosso palácio. Não temos outro lugar para onde ir nem outra causa a que servir. À nossa frente abrem-se apenas dois caminhos: o da liberdade e da felicidade ou o do túmulo. Senhor, indicai-nos qualquer um deles e o seguiremos mesmo que seja o caminho para a morte. Que nossas vidas sejam sacrificadas pela longa dor da Rússia. Não lamentamos fazer esse sacrifício; faremos de boa vontade.

E fizeram o sacrifício.[...]

O curso dos acontecimentos ainda se encontra vivo na memória de todos. Abrangeu apenas uns poucos dias e se desenvolveu de uma maneira estranha, como se seguisse um plano. A 3 de janeiro iniciou-se uma greve na usina Putilov. A 7 de janeiro o número de grevistas chegava a cento e quarenta mil. O ponto culminante da greve foi 10 de janeiro. No dia 13 voltava-se ao trabalho. Inicialmente foi uma greve econômica provocada por motivo ocasional. Estendeu-se a dezenas de milhares de trabalhadores e chegou a tornar-se um acontecimento político. A greve foi organizada pela Associação Operária de Fábricas e usinas, organização que teve sua origem na polícia. Os radicais, cuja política de tribuna chegara a um ponto morto, consumiam-se na impaciência. Insatisfeitos com o caráter puramente econômico da greve, empurraram Gapon, seu líder, para uma posição mais política; mas ele encontrou tal descontentamento, raiva e energia revolucionária entre os operários, que os planos de pequena envergadura de seus promotores liberais ficaram completamente submersos. Os social-democratas foram para a rua. No início encontraram hostilidade, mas se adaptaram rapidamente a seu público e assumiram o controle. As massas colheram suas palavras de ordem e as incorporaram à petição. [...]

Em onze sessões da Associação operária, as reuniões se sucediam incessantemente. Redigiu-se a petição e foram discutidos os planos da marcha ao palácio. Gapon ia de seção em seção; os agitadores social-democratas ficavam roucos e caíam exaustos no chão. A polícia não fez nada para intervir. A polícia não existia.

Tal como fora decidido, a marcha para o palácio foi pacífica, sem canções, cartazes ou discursos. As pessoas vestiam suas roupas de domingo. Em algumas partes da cidade levavam ícones e estandartes eclesiais. Os manifestantes encontraram tropas em todos os lugares. Rogaram que lhes fosse permitido passar. Desesperaram-se, tentaram contornar as barreiras, tentaram rompê-las. Os soldados atiraram durante o dia todo. Os mortos se contavam às centenas, os feridos aos milhares. Foi impossível fazer uma contagem exata porque durante a noite a polícia carregou e enterrou secretamente os corpos dos mortos. [...]

Numa reunião do Conselho de Ministros realizada a 11 de janeiro, o conde Witte — que na época não estava no poder — propôs que fossem discutidos os acontecimentos que tinham ocorrido no dia 9 e as medidas 'para a futura prevenção de acontecimentos tão lamentáveis'. A proposta de Witte foi rejeitada por 'não caber dentro da competência do Conselho e não estar incluída na agenda desta reunião'. O Conselho de Ministros deixou passar inadvertido o começo da revolução russa porque a mesma não se encontrava na ordem do dia."

O lugar histórico da Revolução de Outubro: a perspectiva de Trótski, em 1924

"[...] Embora, como é evidente, saibamos que cada povo, cada classe e até cada partido se educam principalmente a partir da sua própria experiência, de modo nenhum isto significa que a experiência dos outros países, classes e partidos seja de pouca importância. Sem o estudo da grande Revolução Francesa, da Revolução de 1848 e da Comuna de Paris, nunca teríamos realizado a Revolução de Outubro, mesmo com a experiência de 1905. Mas, para o estudo da revolução vitoriosa de 1917, nem sequer realizamos um décimo do trabalho que dispendemos para a de 1905. [...] É preciso pôr na ordem do dia, no Partido e em toda a Internacional, o estudo da Revolução de Outubro. É preciso que todo o nosso Partido, e particularmente as Juventudes, estudem minuciosamente a experiência de Outubro, que nos forneceu uma verificação incontestável do nosso passado e nos abriu uma ampla porta para o futuro. [...]

Pelo seu desenvolvimento e desfecho, a Revolução de Outubro deu um formidável golpe na paródia escolástica do marxismo, muito divulgada nos meios social-democráticos russos (a começar pelo Grupo para a Emancipação do Trabalho) e que encontrou nos mencheviques a sua expressão mais perfeita. Este pseudo-marxismo consistia essencialmente em transformar o pensamento condicional e limitado de Marx — *Os países adiantados mostram aos países atrasados a imagem do seu desenvolvimento futuro* — numa lei absoluta, supra-histórica, na qual aquele se esforçaria por basear a tática do Partido da classe operária. Naturalmente que, com esta teoria, seria impossível levantar a questão da luta do proletariado russo pelo poder, enquanto os países economicamente mais desenvolvidos não tivessem dado o exemplo, criando, por qualquer forma, um precedente. [...] O mesmo era dizer que na Rússia, país atrasado, só a Revolução democrática era concebível e que, desta feita, só poderíamos enveredar pela estrada do socialismo após a Inglaterra, a França e a Alemanha. [...]

Considerada à parte, a Revolução de Fevereiro era uma revolução burguesa. Mas como revolução burguesa, era demasiadamente tardia, não encerrando em si nenhum elemento de estabilidade. Dilacerada por contradições que imediatamente se manifestaram pela dualidade de poder, deveria transformar-se em introdução direta à Revolução proletária — o que veio a acontecer — ou então, sob um regime de oligarquia burguesa, lançar a Rússia num estado semi-colonial. Por conseguinte, o período consecutivo à Revolução de Fevereiro poderia ser considerado, quer como um período de consolidação, de desenvolvimento ou de conclusão da Revolução democrática, quer como um período de preparação da Revolução proletária. O primeiro ponto de vista não só foi adotado pelos mencheviques e os socialistas revolucionários, como por um certo número de dirigentes bolcheviques. Todavia, estes distinguiram-se dos mencheviques e dos socialistas revolucionários pelo esforço com que pretendiam levar o mais possível para a esquerda a Revolução democrática. Mas no fundo o seu método era o mesmo: consistia em exercer pressão sobre a burguesia dirigente, embora não saindo do quadro do regime democrático burguês. [...]

A influência dos mencheviques e dos socialistas revolucionários durante o primeiro período da Revolução nas massas pequeno-burguesas, sobretudo camponesas, da população russa, revela a falta de maturidade da revolução.

Nas condições especiais criadas pela guerra, foi precisamente esta falta de maturidade que deu aos revolucionários pequeno-burgueses, defensores dos direitos históricos da burguesia no poder, a possibilidade de dirigir o povo, pelo menos aparentemente. O que não significa que a Revolução russa tivesse necessariamente que trilhar o caminho que na realidade veio a tomar de Fevereiro a Outubro de 1917. Tal caminho não resultava só das relações de classe, mas também das condições temporárias criadas pela guerra. Graças à guerra, o campesinato viu-se organizado e armado, sob a forma de um exército de milhões de homens. Antes que o proletariado tivesse tido tempo de se organizar sob a sua bandeira para arrastar atrás de si as massas rurais, os revolucionários pequeno-burgueses haviam encontrado um apoio natural no exército camponês revoltado contra a guerra. Com todo o peso deste numeroso exército, do qual tudo dependia diretamente, exerceram pressão sobre o proletariado, chegando a arrastá-lo atrás de si, nos primeiros tempos. [...]

É verdade que Lênin dizia às vezes que, na primeira época da Revolução de Fevereiro, os Sovietes dos deputados operários, soldados e camponeses representavam, *até certo ponto*, a ditadura revolucionária do proletariado e do campesinato. Na medida em que estes Sovietes exerciam o poder, trata-se de uma afirmação verdadeira. Mas, como Lênin explicou muitas vezes, os Sovietes do período de Fevereiro só exerciam um semi-poder. Sustentavam o poder da burguesia, exercendo pressão sobre esta sob a forma de uma semi-oposição. [...]

A tarefa da conquista do poder só foi colocada ao Partido em 4 de abril, quer dizer, depois da chegada de Lênin a Petrogrado. Mas, ainda mesmo a partir dessa altura, a linha do Partido não se reveste de um caráter contínuo, indiscutível para todos. Apesar das decisões da conferência de abril, uma resistência, ora surda, ora declarada, manifesta-se durante todo o período preparatório da revolução."

O lugar histórico da Revolução de Outubro: a perspectiva de Nestor Makhno, em 1927

"O mês de outubro de 1917 é uma grande etapa histórica da Revolução russa. Esta etapa consiste na tomada de consciência dos trabalhadores, das cidades e do campo, de seus direitos de controlar suas próprias vidas e seu patrimônio social e econômico: o cultivo da terra, as habitações, as fábricas, as minas de carvão, os transportes, e enfim, a instrução, cuja falta servia outrora para destituir nossos antepassados de todos esses bens.

Entretanto, segundo nosso ponto de vista, dar a Outubro todo o conteúdo da Revolução russa seria afastar-se muito da realidade. A Revolução russa foi preparada durante os meses que precederam Outubro, período no qual os camponeses e os operários apoderaram-se do mais importante. A Revolução de Fevereiro pode servir de símbolo para os trabalhadores de sua libertação ulterior do jugo econômico e político aos quais estavam submetidos. Eles constataram, sem hesitar, que a Revolução de Fevereiro tomou em sua evolução a forma degenerada de um produto da burguesia liberal, e, como tal, foi incapaz de se colocar na via da ação social. Os trabalhadores ultrapassaram imediatamente os limites instaurados pela Revolução de Fevereiro, e puseram-se a romper às claras todos os elos com seu aspecto pseudo-revolucionário e seus objetivos. [...]

[Entre fevereiro e outubro de 1917, na Ucrânia,] [...] lá onde a autocracia nunca pôde abolir inteiramente o espírito livre, o campesinato trabalhador revolucionário considerava como seu dever mais imperativo e importante o fato de empregar a ação revolucionária direta para se libertar o mais rápido possível dos *pomestchikis* [grandes proprietários de terras] e dos *kulaks* [camponeses ricos], estimando que esta emancipação facilitaria a vitória contra a coalizão político-social-burguesa.

É por isso que os camponeses começaram, na Ucrânia, sua ofensiva, ao confiscar as armas dos burgueses (a marcha do general Kornilov sobre Petrogrado em muito contribuiu para isto, em agosto de 1917), recusando pagar, em seguida, a segunda parcela anual de impostos sobre a terra aos proprietários e *kulaks*. [...] Os camponeses puseram-se, então, a expropriar diretamente as propriedades dos *pomestchikis*, dos *kulaks*, dos mosteiros e das terras do Estado, assim como do gado, instituindo, sempre diretamente, comitês locais de gestão desses bens, para sua repartição entre os diferentes vilarejos e comunas.

Um anarquismo instintivo transparecia em todas as intenções dos camponeses da Ucrânia naquele momento, exprimindo um ódio não-dissimulado por toda autoridade estatal, acompanhada de uma aspiração a libertar-se dela. [...]

Os próprios camponeses julgavam todos os delitos, durante as assembléias ou reuniões, privando de todo direito de jurisdição os juízes enviados pela autoridade central. Os juízes caíam, às vezes, em tal desgraça junto aos camponeses que, amiúde, eram obrigados a fugir e a esconder-se.

Tal comportamento dos camponeses para com seus direitos individuais e sociais obrigou-os naturalmente a temer que a palavra de ordem 'Todo o poder aos sovietes' se transformasse em um poder de Estado; estes temores não se manifestavam, talvez, tão claramente no proletariado das cidades, que estava mais sob a influência dos social-democratas e dos bolcheviques.

Para os camponeses, o poder dos sovietes locais significava transformar esses órgãos em unidades territoriais autônomas, sobre a base do agrupamento revolucionário e autogestionário sócio-econômico dos trabalhadores, na via da construção de uma nova sociedade. Assim compreendendo esta palavra de ordem, os camponeses a fizeram sua, aplicaram-na, desenvolveram-na e defenderam-na contra os ataques dos socialistas revolucionários de direita, dos cadetes e da contra-revolução monarquista.[...]

Ao lembrarmos do passado, não podemos silenciar quanto ao presente, ligado de um modo ou outro a Outubro. Não podemos deixar de exprimir uma profunda dor moral pelo fato de, após dez anos, as idéias que encontraram sua expressão em Outubro serem achincalhadas por aqueles que, em seu nome, chegaram ao poder e dirigem a partir daí a Rússia.

Nós exprimimos nossa solidariedade entristecida por todos aqueles que lutaram conosco pelo triunfo de Outubro, e que apodrecem atualmente nas prisões e nos campos de concentração, cujos sofrimentos, sob a tortura e a fome, chegam até nós, e obrigam-nos a sentir, em vez de alegria pelo 10^o. aniversário do Grande Outubro, uma profunda aflição.

Por dever revolucionário, elevamos mais uma vez nossa voz para além das fronteiras da URSS: devolvam a liberdade aos filhos de Outubro, devolvam-lhes seus direitos de se organizar e de propagar suas idéias. Sem liberdade e sem direitos para os trabalhadores e para os militantes revolucionários a URSS asfixia-se e mata tudo aquilo que tem de melhor em si. Seus inimigos alegram-se com isso, e se preparam em todos os lugares do mundo, com a ajuda de todos os meios possíveis, para esmagar a revolução e a URSS com ela."

Fonte: MAKHNO, Nestor. O Grande Outubro na Ucrânia. In: MAKHNO, N., SKIRDA, A., BERKMAN, A. **Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia**. São Paulo: Imaginário, SOMA, Nu-Sol, 2001. (Escritos anarquistas, 16) p.19-22, 24-25.

A Rússia revolucionária tenta ocupar a Polônia: o que é Revolução? (Conto de Babel, 1926)

Guedáli

“Na véspera do sabá atormenta-me a densa tristeza das recordações. Naquelas noites, no passado, meu avô acariciava com sua barba amarela os volumes de Ibn Ezra. A vovó, com uma touca bordada na cabeça, tirava a sorte com seus dedos nodosos à luz do círio do sábado e soluçava suavemente. Meu coração de criança, naquelas noites, era embalado como um barco sobre ondas encantadas...”

Fico dando voltas por Jitómir à procura da tímida estrela. Junto da antiga sinagoga, encostados nos muros amarelos e indiferentes, alguns velhos judeus vendem giz, pavios e anil – judeus de barbas proféticas, com trágicos farrapos sobre os peitos cavados...

Eis diante de mim o mercado e a morte do mercado... A alma gorda da fatura foi morta. Das lojas pendem cadeados silenciosos, e o granito da calçada está limpo como o crânio de um morto. Ela pisca e esmorece, a minha tímida estrela...

A sorte alcançou-me mais tarde, e chegou bem na hora do por-do-sol. A lojinha de Guedáli escondia-se nas densas fileiras de lojas fechadas. Dickens, onde estaria naquela noite a tua sombra benévola? Terias visto, naquela lojinha de antiquário, pantufas douradas e amarras de navios, uma velha bússola, uma águia empalhada, uma Winchester de caça com a data ‘1810’ gravada e uma caçarola quebrada.

O velho Guedáli move-se em volta de seus tesouros no vazio róseo da noite. O pequeno proprietário, de óculos esfumagados e uma capa verde que vai até o chão, esfrega as mãos brancas, puxa a barbicha grisalha e ouve, com a cabeça inclinada, as vozes invisíveis que pairam à sua volta.

A loja é como a caixinha de um menino sério e ansioso por saber, do qual sairá um professor de botânica. Lá dentro encontram-se até botões e uma borboleta morta. E seu pequeno proprietário se chama Guedáli. Todos abandonaram o mercado, mas Guedáli ficou. Ele dá voltas num labirinto de globos terrestres, crânios, flores murchas, agitando um espanador colorido, de penas de galo, para tirar o pó das flores mortas.

Sentamo-nos sobre pequenos barris de cerveja. Guedáli torce e alisa a barbicha minguada. Seu chapéu cilíndrico balança sobre nós feito uma pequena torre negra. Um ar morno nos acaricia e o céu muda de cor. Um sangue mole jorra de uma garrafa caída lá de cima, e um suave perfume de corrupção me envolve.

- A Revolução? Nós diremos sim a ela. Mas e ao sabá, por caso teremos que dizer não ao sabá? – assim começa Guedáli, e ele me enreda com as cordas de seda de seus olhos embaçados. – ‘Sim’, grito eu para a revolução, eu grito ‘sim’ para ela, mas ela se esconde de Guedáli, e manda para a frente apenas a fuzilaria...

- A luz do sol não penetra em olhos fechados – respondo ao velhinho - , mas nós abriremos os olhos fechados...

- O polonês fechou meus olhos – sussurra o velho, com voz quase imperceptível. – O polonês é um cão maldito. Ele agarra o judeu e arranca a barba dele, ah, o cachorro! E eis que agora batem nele, nesse cão maldito. Isto sim, é que é belo, esta sim, é que é a Revolução! E depois, quando aquele que bateu no polonês me diz: ‘Entregue-nos seu gramofone em troca disso, Guedáli...’, eu respondo à Revolução: ‘Mas eu gosto de música, senhores’... ‘Mas você, Guedáli, não sabe do que você gosta. Vou atirar em você, e aí você vai saber. Porque eu não posso fazer outra coisa a não ser atirar, porque eu – eu sou a Revolução...’

- Ela não pode deixar de atirar, Guedáli – digo eu ao velhinho - , porque ela é a Revolução...

- Mas o polonês estava atirando, meu caro *pan*, porque ele era a contra-revolução. E vocês atiram porque são a Revolução. Mas a Revolução é alegria. E a alegria não gosta de ter órfãos pela casa. O homem bom faz boas obras. A Revolução é uma boa obra de homens bons. Mas os homens bons não matam. Então, quer dizer que quem faz a Revolução são os homens maus. Mas os poloneses também são homens maus. Quem dirá a Guedáli de que lado está a Revolução e de que lado está a contra-revolução? Um dia eu estudei o Talmude, e gosto dos comentários de Rachi e dos livros de Maimônides, e há pessoas inteligentes em Jitómir. E eis que nós todos, pessoas instruídas, levamos o rosto ao chão e gritamos numa única voz: ‘Ai de nós! Onde está a doce Revolução?...’

O velho calou-se. E nós vimos a primeira estrela que atravessava a Via Láctea em toda a sua extensão.

- O sabá está começando – Guedáli sentenciou com gravidade – e os judeus têm que ir à sinagoga... *Pan* camarada – disse ele, levantando-se, e o chapéu balançou em sua cabeça feito uma torrezinha negra. -, traga para nós, em Jitómir, alguns homens bons. Oh, nossa cidade tem escassez, oh, uma grande escassez deles! Traga-nos homens bons e nós entregaremos a eles todos os nossos gramofones. Nós não somos ignorantes. A Internacional... nós sabemos o que é a Internacional. E eu quero uma Internacional de homens bons. E eu quero que cada alma esteja na lista e que cada alma tenha direito a uma ração de primeira classe. Aí está, almazinha, coma, por favor, e tire da vida a sua alegria! A Internacional, *pan* camarada, o senhor nem sabe com o que eles a comem...

- Comem com pólvora – respondi ao velhinho - , e temperam com o melhor dos sangues...

Mas eis que já subia a seu trono, vindo da treva azulada, o sabá recém-nascido.

- Guedáli – digo eu -, hoje é noite de sexta-feira, e já escureceu. Onde podemos encontrar uma rosca judaica, um copo de chá judaico e um pouco desse deus aposentado num copo de chá?

- Não há – responde-me Guedáli, pondo o cadeado em sua cozinha - , não há. Aqui do lado há uma taverna que era mantida por gente honesta, mas agora não se come mais lá, só se chora...

Ele abotoou sua capa verde com três botões de osso, espanou-se com as penas de galo, borrifou com água as palmas macias e se afastou, minúsculo, solitário, sonhador, com sua cartola preta na cabeça e um grosso livro de orações debaixo do braço.

Chega o sábado. Guedáli, fundador de uma Internacional irrealizável, foi para a sinagoga rezar.”

Sobre Leon Trótski:

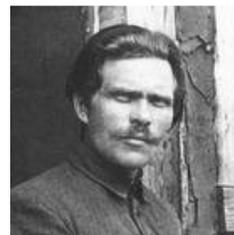
Nasceu em 1879, na Ucrânia, e morreu no México, assassinado, em 1940. Filho de judeus, seu nome era Lev Davidovitch Bronstein, tendo adotado em 1902 o nome “Trótski” para participar de atividades políticas realizadas clandestinamente durante o regime czarista. Em função delas, foi deportado para a Sibéria em 1898, tendo conseguido fugir e sair do país. Retornaria ao país posteriormente, tendo participado do processo revolucionário de 1905. Articulou-se aos bolcheviques apenas durante o período revolucionário de 1917. Destacou-se, em 1917, como presidente do Soviete de Petrogrado. Com a tomada do poder pelos bolcheviques, tornou-se Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros, participando das negociações para a saída da Rússia da guerra européia então em curso (a negociação com a Alemanha resultou em perda de territórios importantes, pelo Tratado de Brest-Litovski). Foi um dos principais articuladores da criação do Exército Vermelho e o principal responsável pelas diretrizes por ele adotadas, na condição de Comissário da Guerra (formado para defender a Revolução contra o exército “branco”, contra-revolucionário, e os exércitos estrangeiros que cercaram as fronteiras russas após outubro de 1917). Após a morte de Lênin, em 1924, defendeu a manutenção do projeto revolucionário (“revolução permanente”), que deveria ser estendido a outros países. Contudo, no Partido Comunista Russo (surgido a partir do Partido Bolchevique) prevaleceria a posição defendida por Stalin, de “socialismo num só país”. Opondo-se abertamente ao grupo de Stalin, ao menos desde 1923, quando foi criada a Oposição de Esquerda, Trótski veio a ser afastado das instâncias superiores de poder e depois expulso do Partido (1927), exilado no Cazaquistão, então uma das repúblicas soviéticas (1928), e depois expulso da União Soviética (1929). Tornou-se um dos principais críticos de Stalin, no exterior, e reuniu vários seguidores, que fundariam, em 1938, a Quarta Internacional (em oposição à Terceira Internacional, sob influência do regime stalinista). Seu assassinato teria sido patrocinado por Stalin.



Trótski (1920)

Sobre Nestor Makhno:

Nestor Ivanovitch Makhno nasceu em 1888, na Ucrânia, e morreu em 1934, em Paris, na França. Participando de uma organização anarquista, foi preso em 1906, condenado a dez anos de prisão; foi libertado durante a Revolução de Fevereiro de 1917. Durante a guerra civil, após a Revolução de 1917, criou um exército de inspiração anarquista, com o intuito de combater as forças contra-revolucionárias que tentavam penetrar no território do ex-império czarista. Finda a guerra civil, sua milícia foi declarada ilegal e seus membros foram presos, deportados ou executados. Makhno conseguiu fugir para a Romênia, exilando-se depois na França.



Makhno, sem data

Sobre Isaac Bábel:

Nasceu em 1894, em um distrito próximo de Odessa, de pais judeus. Na região na qual cresceu, chegou a testemunhar “pogroms” (massacres de judeus). Em função das restrições ao ingresso de judeus no sistema universitário de ensino, não conseguiu cursar a Universidade de Odessa. Em 1916 mudou-se para São Petersburgo e começou a publicar, com boa receptividade, algumas de suas narrativas curtas. Após a Revolução de Outubro, integrou-se ao novo regime e participou da polícia política, como tradutor no serviço de contra-inteligência. Durante a guerra civil, participou dos destacamentos de requisição de alimentos. Em 1920, recebeu as credenciais de “correspondente de guerra”, dadas pelo Partido Comunista em Odessa, para cobrir a guerra na frente polonesa (experiência da qual resultariam vários contos, depois publicados, e que seriam duramente atacados pelo general Budyony, comandante geral daquelas operações). Na segunda metade dos anos 1920, diminuiu sensivelmente o volume de sua produção literária e foi criticado por seu “silêncio”. Preso em 1939, acusado de espionagem, foi executado no início de 1940, na prisão de Lubyanka.



Bábel (sem data, provavelmente início dos anos 1930)

Referências principais:

- < http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/trotsky_leon.shtml >
- < <http://www.stanford.edu/~gfreidin/Publications/Babel.htm> >
- < <http://www.nestormakhno.info/> >

**Breve cronologia: Rússia revolucionária, URSS
(da Revolução de Fevereiro de 1917 ao fim da NEP, em 1928)**

<p>1917 (23 a 28 de fevereiro, no calendário juliano, ou 8 a 13 de março, no gregoriano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Revolução de Fevereiro</u>, que derruba a monarquia imperial russa. - Insurreição de Petrogrado (motins/ levantes por comida/ greves/ protestos contra a guerra e a autocracia mobilizando milhares de pessoas). - Formação do Soviete de Petrogrado (devido aos esforços dos "mencheviques", dos socialistas-revolucionários, dos socialistas populistas e dos "trudovki"). Nos dias seguintes, será formado um governo provisório, após um acordo entre o Soviete e a Duma (que havia constituído um comitê provisório, em seguida transformado em governo provisório). - Nicolau II abdica em março em favor de seu filho, Mikhail Aleksandrovich (que renunciou à coroa).
<p>1917 (abril)</p>	<p>Retorno de Lênin à Rússia ("bolcheviques" defenderão a tomada imediata da terra pelo campesinato, o controle da indústria pelos trabalhadores, o fim da guerra, "todo o poder aos sovietes" e "paz, terra, pão"). Greves; formação de um governo de coalizão, com participação do socialistas.</p>
<p>1917 (maio)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Chegada de Trótski, retornando do exílio na América. - Crise no governo provisório, que é reorganizado. Kerensky torna-se ministro da Guerra (ordenará uma ofensiva que será um absoluto fracasso, com deserções em massa que ajudam a apoiar a propaganda bolchevista).
<p>1917 (maio/junho)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eleições municipais: vitória da ala mais moderada dos socialistas. - Em junho é realizado o Primeiro Congresso dos Sovietes da Rússia.
<p>1917 (julho)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Levantes e protestos contra o governo provisório; penetração da propaganda bolchevique mostra-se visível. - Novo governo, com Kerensky à frente (primeiro-ministro), restabelecerá a pena de morte (abolida nos primeiros dias da revolução) e postergará a convocação de uma assembléia constituinte, além de promover a perseguição aos bolcheviques (Lênin se esconde na Finlândia e Trótski, além de outros líderes, é preso).
<p>1917 (agosto)</p>	<p>Articulação de golpe, sob a liderança do general Kornilov; a tentativa fracassa.</p>
<p>1917 (setembro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Trótski é eleito presidente do Soviete de Petrogrado. Em outubro, o Soviete cria o Comitê Militar Revolucionário, para defender a capital da contra-revolução (os bolcheviques tinham maioria no Comitê). - Criação do "Proletkult" (Cultura Proletária), organização que defendia que a arte proletária só poderia ser realizada pelos proletários, rejeitando as manifestações artísticas do passado.
<p>1917 (24 a 25 de outubro, no calendário juliano, ou 6 a 7 de novembro, no gregoriano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - "<u>Revolução de Outubro</u>" ou "<u>Bolchevique</u>". Insurreição armada organizada pelos bolcheviques contra o governo; Trótski à frente do Comitê Militar Revolucionário (trabalhadores, soldados e marinheiros armados tomam o Palácio de Inverno, onde estava instalado o Governo Provisório). - Trótski anuncia o fim do Governo Provisório; Kerensky escapa e vai para o exílio. Simultaneamente, é aberto o Segundo Congresso dos Sovietes (de 650 delegado, 390 eram bolcheviques). O próprio Congresso de Sovietes tornou-se a suprema instância do novo governo; suas decisões deveriam ser executadas pelo Soviete dos Comissários do Povo, subordinado apenas ao Comitê Executivo Central do Congresso (cujos comissários exerciam papéis de ministros) e ao próprio Congresso. Lênin foi eleito presidente do Soviete dos Comissários do Povo; Trótski e Stalin também tornaram-se comissários desse Soviete. - Em novembro, foram promulgados decretos sobre a paz, a terra (direito de propriedade privada da terra anulado para sempre; direito de todos os cidadãos cultivarem a terra foi afirmado), as nacionalidades (direito de auto-determinação, podendo se separar da Rússia...) e o controle operário da produção. Os bolcheviques permitiram a eleição de uma assembléia constituinte, na qual não obtiveram maioria, e que acabaram por dissolver, em janeiro de 1918.
<p>1918</p>	<ul style="list-style-type: none"> - No final de janeiro, o governo, que adotaria Moscou como capital, adota também o calendário gregoriano. - Março: Paz de Brest-Litovski. A Rússia cedeu os estados bálticos, a Finlândia, a Polônia e a Ucrânia. - Maio/junho: início da intervenção estrangeira e da guerra civil na Rússia (originada de uma

	<p>mistura de indignação com o acordo de paz e de insatisfação com o Partido Bolchevique - agora Partido Comunista Russo). A guerra civil durou até 1920 (de um lado, os "vermelhos", comunistas, de outro, os "brancos", anti-comunistas, que foram derrotados).</p> <p>- Julho: aprovação da primeira constituição da República Socialista, Federada e Soviética Russa.</p> <p>- No mesmo ano, é fundado o Departamento de Artes do Commissariado Popular para a Educação (que, de início, incorporou vários artistas de vanguarda).</p>
1919	<p>- Ruas e janelas são ocupadas pela arte gráfica política (ROSTAS), entre 1919 e 1921. Artistas como Malevich e Maiakóvsky estiveram diretamente envolvidos.</p> <p>- Dziga Vertov lança o manifesto "Nós", discutindo as relações entre palavra e imagem.</p>
1920	<p>- Agosto-outubro: encerramento da guerra com os "brancos" e da intervenção estrangeira.</p>
1921	<p>- Fevereiro: Insurreição de Kronstadt.</p> <p>- Março: adoção da Nova Política Econômica (NEP), que procurava estimular a iniciativa privada e reativar a economia.</p> <p>- Em 1921, iniciam-se os expurgos no partido bolchevique (preocupação com o perfil "moral" dos membros: expulsão dos arrivistas, alcoólatras, corruptos, etc.)</p> <p>- Entre 1921 e 1922, o governo revolucionário toma medidas visando aumentar a produção no campo: substituição da política de requisições, no campo, por um imposto pago pelos camponeses <i>in natura</i>, ficando os mesmos camponeses livres para administrar o excedente da produção (estímulo ao comércio) - busca-se uma "aliança entre operários e camponeses"; estímulo aos investimentos estrangeiros. No período, estima-se que 5 milhões de pessoas tenham morrido de fome no interior das fronteiras do antigo Império Russo.</p>
1922	<p>- Formação da URSS (sua primeira constituição foi ratificada apenas em 1924, pouco depois da morte de Lênin).</p> <p>- Stalin torna-se secretário-geral do Partido Comunista.</p> <p>- É criada a Associação dos Artistas Revolucionários da Rússia, que defende o retorno ao figurativismo e a afirmação de uma espécie de realismo heróico que antecipa o "realismo socialista", oficialmente adotado nos anos 1930.</p>
1923	<p>- Maiakóvsky organiza o "Front de Esquerda das Artes", articulando Rodchenko, Stepanova, Lavinsky, Lyubov e Popova, entre outros. No mesmo ano, Maiakóvsky e Rodchenko abrem escritório de criação de produtos publicitários (embalagens, cartazes e demais impressos).</p>
1924	<p>- Morte de Lênin.</p>
1925	<p>- Trótski é destituído do Commissariado de Guerra.</p> <p>- Eisenstein filma "O Encouraçado Potemkin".</p>
1927	<p>- Novembro: Trótski é expulso do Partido Comunista (foi exilado no Casaquistão em 1928 e banido no ano seguinte. Assassinado no México em 1940, a mando de Stalin).</p>
1928	<p>- Queda da produção de grãos e problemas na produção de matérias-primas industriais: setores do governo defendem medidas emergenciais (retornam temporariamente as "requisições", no campo, apoiadas nos destacamentos policiais).</p> <p>- A NEP é abandonada: o Comitê Central decide implementar o primeiro "Plano Quinquenal" (que dará início à economia planejada). Stalin tentará transformar a URSS rapidamente de um país eminentemente agrário em um país industrial e uma potência militar. Fim da idéia de "aliança" com os camponeses.</p> <p>- "Processos das minas de Chakhty": um grupo de engenheiros é acusado e sabotagem (alguns são condenados e seis são fuzilados).</p>

Referências principais:

FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 1988. 2 ed. (Khronos, 5);

Gráfica utópica: arte gráfica russa, 1904-1942 [catálogo de exposição]. São Paulo: Banco do Brasil, [2002];

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Uma revolução perdida:** a história do socialismo soviético. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

WOOD, Alan. **As origens da Revolução Russa:** de 1861 a 1917. São Paulo: Ática, 1991. (Princípios, 205)